

FGV faz primeiro retrato da exclusão digital

O mapa, que já nasce defasado, é um começo importante

O Mapa da Exclusão Digital, divulgado semana passada pela Fundação Getúlio Vargas, é a primeira etapa para a criação de uma metodologia que possibilitará a instituição incluir entre seus famosos índices socioeconômicos o IID — Índice da Inclusão Digital. Contrapartida nacional do Networked Readiness Index (NRI), traçado por pesquisadores de Harvard e apresentado no Fórum Social Mundial de 2002.

A idéia é a de que o mapa atual, suas novas versões e o IID possam vir a ser usados como norteadores de políticas públicas estruturais e ações sociais de empresas e entidades civis no campo da inclusão digital — que a FGV associa diretamente à inclusão social. De posse desses indicadores os três setores terão melhores condições de planejar ações sinérgicas e emergenciais, de qualidade.

— O objetivo final deste trabalho é obter números que permitam a criação de metas sociais, como a inclusão digital — diz Marcelo Neri, da FGV, coordenador da pesquisa. Nós queremos criar o conceito de capital digital.

Marcelo sabe que o mapa recém-publicado já pode estar defasado, uma vez que usa como base o país do Censo de 2000 e a Pesquisa Nacional de Amostra de Domicílios (PNAD) de 2001. Exemplo: o PNAD revela que a maioria dos computadores adquiridos pelos brasileiros foi comprado à vista. De 2001 para cá, a quantidade de micros financiados cresceu muito. Mas dados como este não invalidam, de forma alguma, muitas das análises e conclusões que o mapa oferece a quem o consulta com atenção.

— O mapa do ano que em vai ser enriquecido por novas pesquisas do IBGE e da própria FGV, que nos permitirão novas análises, com base em outros indicadores — revela Neri. — Ano que vem saberemos como o mapa é hoje.

A FGV pretende realizar, em breve, um workshop para discutir com ONGs, empresas

e o governo os indicadores que irão compor o IID. Até lá, é possível ter acesso ao mapa no endereço www.fgv.br/cps. São 650Mb de informação!